

Vida de fé num mundo secularizado

Este trabalho foi apresentado na Semana Teológica de 1968, na Faculdade de Teologia Cristo Rei. Seu autor, natural da Suíça, veio ao Brasil em 1936. Dedicou-se à formação do clero no antigo Seminário Central Nossa Senhora da Conceição, no Colégio Cristo Rei, e, durante 16 anos, no Colégio Pio Brasileiro de Roma, de onde regressou em 1967. Atualmente coordena o Curso "Christus Sacerdos", destinado a formadores do clero brasileiro; leciona Teologia Espiritual e Teologia da Fé no Instituto de Ciências Religiosas e no Instituto Pastoral Sul 3, em Pôrto Alegre, e na Faculdade de Teologia Cristo Rei, em São Leopoldo.

CARLOS OSCAR MUELLER, S. J.

O mundo secularizado caracteriza-se pela falta de estruturas religiosas: é o mundo que quer ser apenas mundo, sem superestruturas de qualquer tipo. Neste mundo o homem quer ser plenamente homem e apenas homem. Em tal situação, como se coloca o fator religioso na vida do homem, na espiritualidade do homem? Nós, que temos fé na revelação de Deus e na instituição da Igreja, de que modo podemos viver a nossa vida cristã no mundo? Que feição pode e deve assumir a vivência da fé num mundo secularizado?

Nossa reflexão processar-se-á em três etapas. Na primeira, procuraremos estabelecer as bases humanas da fé e o lugar

e o modo de incidência da fé cristã. É a parte mais importante de nosso trabalho, porque tornará evidente, assim esperamos, que a fé cristã tem todo o seu genuíno valor precisamente num mundo secularizado. Na segunda etapa, trataremos sobre como suscitar e sustentar a fé num mundo secularizado. Numa terceira etapa, concluiremos com uma reflexão sobre a pastoral da fé num mundo secularizado.

Esta reflexão em três etapas não tenciona estabelecer etapas pedagógicas sobre como conduzir os homens à fé, nem quer afirmar que deva haver, de início, uma abstenção de qualquer referência a Deus. A reflexão progredirá segundo a

própria lei da reflexão humana: partindo dos dados mais óbvios da consciência, ela procurará desvendar o alcance mais profundo dos mesmos dados. O procedimento, dentro do tempo de que dispomos, tem que ser rápido e sucinto, atendo-se, portanto, somente às linhas mais fundamentais. Julgamos que tal modo de proceder ajudará a orientarmo-nos positivamente na situação de crise na qual nos achamos, e a orientarmos outros no mesmo sentido positivo.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. OS PRINCÍPIOS ORIENTADORES DE NOSSA REFLEXÃO

a) Existe o homem e existe Deus Criador e Redentor, que em Cristo oferece ao Homem a participação na sua vida, em felicidade eterna.

b) O homem aceita este destino no ato de fé. Queremos indagar qual seja a estrutura desta fé, no homem que faz parte de um mundo secularizado, mundo no qual o homem ocupa o centro das atenções.

c) A estrutura da fé deve ser tal que não só se sustente num mundo secularizado mas que também preserve o homem de cair, tanto num secularismo ateu como num sacralismo falso.

d) Julgo que a fé cristã, por ter como autor e consumidor o próprio Filho de Deus, por quem e para quem tudo foi feito, possui de fato tal estru-

tura, sendo tarefa da nossa reflexão descobrir-lhe os traços essenciais.

e) Julgo também que a situação do mundo secularizado nos ajuda a perceber e a viver melhor esta estrutura essencial da nossa fé. Portanto, não é com medo que nós, cristãos, devemos enfrentar o mundo secularizado, mas com gratidão e esperança: este mundo é um instrumento usado pela bondade e sabedoria de Deus, para purificar e fortalecer nossa fé e, por ela, unir-nos mais seguramente com Ele e entre nós — os homens todos.

2. O ROTEIRO DE NOSSA REFLEXÃO

1) A fé deve ser compreendida e vivida a partir da condição humana. Nesta condição descobrimos dois dados fundamentais para a fé: a) o homem é feito para a felicidade: a vida tem um sentido positivo; b) a felicidade do homem se realiza na doação aos outros. Estes dois dados devem ser aceitos em atos de fé natural.

2) O homem, na construção de sua felicidade, descobre a incapacidade de realizá-la sem o encontro com Deus, seu Criador.

3) Deus, na revelação em Cristo, oferece ao homem este encontro de maneira inesperada, que supera todos os seus anseios de felicidade. Mas este encontrar-se é por sua vez condicionado pelo encontro fraterno do homem com os seus semelhantes na doação. O ato de fé salvífico inclui, portanto, a

abertura do homem tanto para o amor de Deus como para o amor dos irmãos.

4) O ato de fé, para se constituir concretamente, precisa do testemunho de amor. Daí a necessidade do testemunho do nosso amor aos irmãos, para nêles se suscitar a fé.

5) O nosso testemunho de amor é ajudado interiormente pelo Espírito Santo — é um compromisso aceito conscientemente no batismo. É renovado na oração, na reflexão, na meditação da Escritura e na Eucaristia.

6) A fé, uma vez constituída sólidamente no coração humano, tem duas fontes de sustento e de crescimento:

a) o próprio exercício da doação aos irmãos;

b) a atenção interior à voz da consciência.

Ambas as fontes estão no próprio homem e nêle são nutridas pela oração, pela reflexão, pela Eucaristia.

7) Importa, portanto, para uma vida de fé num mundo secularizado que a fé, desde o início, seja enraizada, com a graça de Deus, numa vida de sincera doação aos irmãos.

8) Também a fé do sacerdote e do religioso. — na sua doação especial de animadores da fé dos seus irmãos. — nada mais precisa senão dêste enraizamento sólido na própria vida de doação. Da própria vida de doação lhes vêm continuamente estímulos para o sustento e o crescimento de sua fé.

I. BASES HUMANAS DA FÉ E FÉ CRISTÃ

1. O ponto mais fundamental de uma problemática religiosa autêntica é sempre a pergunta sôbre o sentido da existência humana. Ou, mais concretamente, a pergunta sôbre a sua orientação positiva para a felicidade: A vida humana é feita para a felicidade? E, se fôr, onde encontrá-la? Quais as características desta felicidade? Quais as condições para alcançá-la?

Ao perguntar assim pelo sentido da vida humana, deparamo-nos com uma multiplicidade de respostas que nos desconcertam. Não há só diversidade de idéias, que demonstram a obscuridade do assunto, mas há, ao mesmo tempo, firmeza de posição, que manifesta a interferência de uma decisão pessoal. Para estabelecer a verdade sôbre o sentido da vida, concorrem inteligência e vontade num "ato de fé", tomando-se "fé" no sentido mais amplo da palavra, como escolha livre de um sentido de vida, o qual, baseado em sólidas razões, promete levar-nos à felicidade. A orientação que nor êste ato de fé imprimimos à nossa vida, pode ser chamada de "espiritualidade".

A espiritualidade tem um caráter essencialmente pessoal e dinâmico. Sômente a pessoa pode perceber o sentido da sua vida, e êste sentido, como a própria vida, movimenta-se continuamente em direção a sua plenitude. "O homem como esbôço" é o título de um

livro sobre esta dinâmica de vida (1).

Aristóteles lhe deu o nome de "entelequia": algo que tem o seu fim já esboçado dentro de si. Pelas ciências psicológicas este caráter pessoal dinâmico do homem é melhor conhecido e está exigindo atenção e orientação segura. Espiritualidade, então, seria a vivência consciente do sentido da própria vida, pessoal e social.

A fé, pela qual se constitui a nossa espiritualidade, é fé no próprio sentido da nossa vida. Indagando mais profundamente, percebemos que esta fé se dirige em primeiro lugar à própria vida, individual e social: a vida que estamos vivendo possui uma orientação evolutiva. Os acontecimentos vitais seguem-se uns aos outros, e no registro vivencial do próprio Eu estão compondo nossa unidade, a história da nossa vida, da nossa pessoa. Esta história vai progredindo inexoravelmente de minuto a minuto, e não há modo de Eu lhe fugir. É sempre minha história que se vai desenrolando, aconteça — em redor de mim e dentro de mim, — o que acontecer. Como se explica que este suceder de acontecimentos esteja formando em mim a fé num sentido da minha vida?

Constatamos desde as primeiras experiências conscientes de criança que a **NOSSA VIDA TEM UM SENTIDO**: cresce, desenvolve-se, tornamos-nos felizes. O crescimento, orgânicamente bem feito, nos

proporciona felicidade. Esta felicidade é antes de tudo funcional: Nossos sentidos e órgãos funcionando bem, conduzem a um estado de felicidade.

Mas, dentro desta felicidade funcional há uma outra mais profunda, de relação com os homens que nos rodeiam. A mãe que cuida do bebê e o nutre: com o leite materno, que proporciona à criança bem-estar funcional, a mãe dá à pessoazinha do seu bebê a atenção, o cuidado, o amor, que já não são função mas relação pessoal — de mãe para filho, de pessoa a pessoa. E o sorriso contente da criança é resposta, não só ao leite que bebeu, mas também ao amor que recebeu da mãe. É esta uma experiência básica no sentido da vida: a vida nos torna felizes pelo desenvolvimento das nossas forças e pelo amor que recebemos das pessoas que nos rodeiam.

Quando o homem começa a refletir e a assumir conscientemente a orientação de sua vida, ele terá feito as experiências positivas de que falamos, a experiência de que a vida é feita para a felicidade. E terá feito experiências negativas: nem sempre a vida foi feliz, nem tudo funcionou bem no desenvolvimento das suas forças, e o encontro com outros homens não foi sempre de amor e de amizade. Daí a necessidade de fé num sentido positivo da vida. Pois não é simplesmente evidente que a vida nos torna felizes. Dar um sentido positivo à sua vida não é um ato mecânico automático, de dedução lógica: é um ato

(1) M. Hollenbach, S. J.: "Der Mensch als Entwurf" Knecht — Verlag, Franckfurt/M., 1957.

de fé, no qual os indícios a favor do sentido positivo da vida, por um ato livre e consciente, são colocados como verdade orientadora da vida — para mim, a vida TEM êste sentido: **CREIO**. Êste ato de fé me sustenta também na hora da desgraça e do sofrimento. O sentido da minha vida é evolução positiva para a felicidade e a plenitude.

2. Na reflexão sôbre as bases da vida espiritual descobrimos ainda outro elemento decisivo: a evolução da pessoa para a felicidade só é possível na doação aos outros — a pessoa é ser **PARA OS OUTROS**.

Compreendemos fàcilmente que o desenvolvimento das nossas fôrças se efetua no esforço de dominar o mundo que nos rodeia. Arrancar à natureza os seus segredos e fazê-la servir ao homem, foi sempre o estímulo supremo para o homem desenvolver seus talentos e realizar-se como homem. Mas, só **NO ENCONTRO COM OUTRO HOMEM**, pessoa como êle e possuidor como êle dum mundo interior de consciência e liberdade sômente neste encontro de pessoa para pessoa, depara-se o homem com realidade à sua altura: um mundo pessoal. O mundo pessoal é fechado em si de modo que nenhuma técnica, nenhuma fôrça o consegue abrir. Êste mundo só se abre a quem quer se abrir, no dom livre de si mesmo. A pessoa do outro é essa realidade misteriosa, a qual só se conquista nela doação que se lhe faz de si mesmo; esta doação é a supre-

ma realização de que a pessoa é capaz. Só na doação à outra pessoa o homem alcança o pleno desenvolvimento das suas fôrças, sua realização plena e a correspondente felicidade.

Desta realidade profunda da nossa vida todos nós temos alguma experiência inicial nos encontros da primeira infância, no seio da família. Mais tarde a **EXPERIÊNCIA DE AMIZADE** nos fornece a confirmação consciente e reflexa desta mesma verdade. Mas, ao mesmo tempo notamos em nós a tendência de nos afirmar, de nos fechar ao outro, de nos negar à doação, na tentativa (e tentação) de crescer e desenvolver-nos por nós mesmos, sem o outro. Assim exploramos o outro utilizando-o e aproveitando-o, para o nosso bem. Qual dos dois caminhos é o certo? A experiência e a consciência nos dizem que o caminho certo é a doação. Mas, sentindo ao mesmo tempo suspeita e oposição, no sentido de nos afastar da doação e impedi-la, será preciso **UM ATO DE FÉ NO SENTIDO POSITIVO DA DOAÇÃO**, a fim de decidir nossa hesitação e lançar-nos na realização progressiva da doação ao próximo, conquistando assim nossa verdadeira felicidade.

Nesta perspectiva de doação ao próximo, todo o esforço preliminarmente descrito de dominação da natureza fica subordinado e compreendido dentro da tensão-doação à pessoa, tornando-se serviço e oferta de bem-estar para o outro e os outros. A **PESSOA DO OUTRO** está constituindo o centro de

tôda a atenção e de todo o esforço: tudo na vida humana, é movido pelo amor-doação de pessoa a pessoa. Tudo é serviço feito ao outro, tudo é oferta de bem-estar para êle, tudo é amor e felicidade — para êle e para nós.

Fé no valor positivo da doação como suprema realização e felicidade do homem: eis o resultado das nossas reflexões sôbre o sentido da vida humana.

3. Mas essa fé, embora corresponda realmente à orientação positiva da vida humana, é abalada e sacudida por decepções e revezes. Dentro do âmbito puramente humano de nossa vida e da vida dos povos, a realização da pessoa pelo amor é fragmentária e decepcionante. Quanta falta de amor-doação existe no mundo! Quantos homens que tentaram a doação de amor ficaram insatisfeitos ou desesperaram! Onde encontramos a pessoa que mereça sem restrição, nossa doação total? Ou que nos dê a resposta plena que esperamos e de que precisamos para continuarmos a amar e viver o sentido de nossa vida? Mesmo a pessoa que melhor nos conhece e que mais nos ama, nunca nos conhecerá até o fundo do nosso ser e, por isso, nem mesmo ela poderá oferecer-nos a realização de tudo quanto somos.

Só aquêle que nos fez, o Deus e Criador, nos conhece plenamente. No encontro com Êle depois da morte, podemos esperar a nossa plena realização e felicidade. Mas êste encontro

será encontro de amigo ou de juiz? As faltas, que cometemos no egoísmo e na recusa de doação, serão perdoadas? Não nos mostra Deus, na ordem do mundo e na experiência da vida, que Êle é um senhor exigente e dominador, que distribui os seus dons como lhe aprouver e que não tem compaixão de ninguém, levando-nos todos àquela situação desesperadora da morte? Terminou tudo? Que será depois?

As religiões naturais tentam uma resposta, vaga, indecisa, muitas vezes contraditória. Deixam aberta a pergunta angustiante, se Deus é realmente bom, se Êle perdoa, se Êle realiza o homem numa vida feliz depois da morte.

O marxismo ateu nega a resposta a êstes interrogativos. Segundo êle, a doação, sem perspectiva do além-túmulo, tem que ser feita pelo bem que se proporciona aos homens presentes e futuros. Segundo êle, não há motivo de perguntar e refletir sôbre o sentido da vida humana: existe só a realidade intra-humana e esta deve bastar para ser feliz e o homem não deve perguntar por um sentido ulterior da sua vida.

Mas nos homens, com insistência espontânea, brota sempre de nôvo a pergunta pelo sentido pleno de sua vida, pela realização plena de sua pessoa, pela resposta plena e duradoura à sua doação na vida e especialmente na morte. A doação definitiva que cada homem deve fazer na hora da morte, não pode ser vivida consciente e livremente, SE A

ELA NÃO CORRESPONDER OUTRA DOAÇÃO, definitiva e plena, da parte daquele que chamou o homem à vida e dele exige, na hora da morte, a entrega total.

4. A REVELAÇÃO QUE DEUS NOS FEZ EM JESUS CRISTO, satisfaz esta interrogação da maneira mais inesperada e positiva. Em Jesus Cristo Deus recebe nossa doação, da vida e da morte, como se recebe a oferta amorosa de um filho, e Deus a ela responde com a doação de si mesmo, como o pai oferece ao filho a participação na sua vida e a posse de seus bens. Deus é bom e nos ama; Ele nos perdoa quando a Ele voltamos arrependidos. Ele nos dá a vida eterna feliz junto de si. **É CONDIÇÃO ÚNICA DE NOSSA PARTE**: que na fé aceitemos esta oferta que Deus em Jesus Cristo nos faz. **CRENDO** no seu amor para conosco: e que com empenho intensificado realizemos na nossa vida a doação aos nossos irmãos, doação que ao mesmo tempo — já o vimos — é realização plena de nós mesmos e maneira indispensável de alcançarmos a felicidade pessoal.

A FÉ NA REVELAÇÃO DO AMOR DE DEUS PARA CONOSCO compreende e reassume a fé no sentido da nossa vida e no valor realizador da nossa doação aos nossos irmãos colocando-a dentro de um dinamismo superior, de dimensão divina: a aceitação da vida humana e a execução sincera da tarefa humana, na doação aos irmãos, recebe de Deus

aprovação plena e dinamização imensa pela inserção na doação vital entre as três Pessoas divinas. Aceitar a vida humana e realizar a doação aos irmãos já não é, assim, somente obra nossa, de perspectiva horizontal e de dinamismo intra-terreno, mas possui dimensão vertical: o Espírito Santo, enviado de Deus, leva-nos ao amor dos nossos irmãos e é o penhor da nossa aceitação, no encontro definitivo com Deus na hora da morte. Na fé sobrenatural, pela qual respondemos ao amor de Deus para conosco, unimos o nosso amor de Deus ao amor dos irmãos, dando ao amor horizontal (amor dos homens) dimensão vertical (amor de Deus), e transformando o amor vertical (a Deus) em estímulo e sustento de nosso amor horizontal (aos irmãos). Nesta perspectiva, a esperança no progresso da humanidade, pelo contributo solidário de todos, recebe o apoio do próprio Deus: não podemos agradecer-lhe se não nos empenharmos em fazer progredir a humanidade na consecução dos seus fins intra-terrenos.

II. COMO SUSCITAR E SUSTENTAR A FÉ

Como surge em nós a fé, como se sustenta e corrobora? Só no amor pode-se crer. E sem amor não se pode crer. Nestas duas palavras temos todo o programa para a educação da fé.

1. SÓ NO AMOR PODE-SE CRER. Não se pode crer na existência de Deus, se Deus

não se nos mostra como amor, como um bem para nós. Isso à primeira vista parece-nos soar como blasfêmia, fazendo de Deus um meio para a nossa felicidade. Mas é o próprio Deus que nos fez assim: precisamos d'Ele para nos realizar plenamente. Criando-nos à Sua imagem e semelhança e querendo elevar-nos à participação do Seu ser, Deus nem podia fazer diversamente: só Ele mesmo pode nos oferecer esta pleníssima realização, constituindo-se Ele mesmo como objeto direto do nosso conhecimento e do nosso amor, na visão beatífica. Só esta esperança do encontro feliz depois da morte, pode motivar nossa doação total confiante e des preocupada, qual deve ser o ato de fé com que nos entregamos a Ele.

Precisamos pois saber ao certo que Deus é amor, amor não só em si mesmo, mas amor para cada um de nós. A mensagem evangélica vivida e anunciada por Cristo é a Boa Nova dêsse amor do Pai para conosco. Ouvindo, meditando e aceitando esta Boa Nova (com a ajuda de Deus), sentimos constituir-se EM NÓS a disposição interior da fé: fé no amor de Deus para conosco.

Ao mesmo tempo percebemos com nitidez que esta mesma fé envolve a **ACEITAÇÃO PLENA DE NOSSA TAREFA HUMANA** de desenvolvermos as nossas forças no serviço dos irmãos. Deus é amor para nós somente na medida em que formos, nós mesmos, amor para com os nossos irmãos. Portanto, a fé no amor de Deus não é realizável, sem a decisão

simultânea de amarmos o nosso próximo. Não existe fé só no amor de Deus: a fé deve ser ao mesmo tempo entrega fundamental ao amor do próximo. Fé, então, é sempre o confiar-nos ao amor de Deus e dedicarmos ao amor do próximo. A fé inclui essencialmente as duas dimensões da nossa vida: a vertical, pela qual Deus nos ama e nós O amamos, e a horizontal, pela qual nós amamos os nossos irmãos.

2. **SEM AMOR NÃO SE PODE CRER.** E isso não só no sentido agora mesmo explicado de que a fé em Deus inclui a decisão de amar o próximo. Mas no sentido de a fé ser um ato livre, um ato, portanto, que procede da vontade. Ora, vontade é amor. Assim, todo ato de fé também já é amor de Deus, procurando a Deus como sumo bem e meu bem. E como o amor pessoal procura agradecer ao amado, e como Deus, o amado, quer que o homem se realize no amor ao próximo, mais uma vez resulta que a fé, por ser amor inicial a Deus, inclui essencialmente a decisão de amar o próximo, reforçando-a e dinamizando-a pela relação íntima que ela tem com a vontade de Deus a quem quer agradecer.

Chegamos, portanto, a esta importante constatação: **O PRÓPRIO ATO DE FÉ INCLUI INSEPARAVELMENTE OS DOIS AMORES:** o amor de Deus e o amor do próximo. E a própria fé constitui a entrega pessoal a estes dois amores inseparáveis. Nesta visão a fé é compromisso não só com Deus,

mas também com a humanidade. Não é um fugir do mundo dos homens, mas um inserir-se nele pela única atitude verdadeiramente redentora e realizadora: a atitude de amor e de doação pessoal.

A fé surge em nós pelo anúncio da Boa Nova, na qual são assumidas e superadas as aspirações mais profundas do nosso ser, dando resposta às nossas interrogações e alargando o sentido da nossa vida na perspectiva imensa de nossa relação pessoal com Deus.

3. Mas, como podemos crer no amor de Deus a quem não vemos? Jesus Cristo nos respondeu a esta pergunta: "Jamais alguém viu o Pai. Quem vê a mim, vê o Pai" (Jo 14, 9). "Deus tanto amou o mundo que lhe enviou o seu Filho para que todo o que nele crer, tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Cristo nos revela o amor do Pai, amando-nos e entregando-se por nós. Assim, devemos amar uns aos outros, para testemunhar e fazer crer no amor que Deus nos tem. A fé é decisão do homem de se inserir no movimento de amor pessoal que de Deus Pai, em seu Filho, atinge os homens, arrastando-os ao amor de uns aos outros e levando-os ao encontro definitivo com o amor do Pai, na eterna felicidade. Para o homem crer assim, é necessário que lhe seja anunciada a boa nova e lhe seja dado o testemunho do amor. Se ele, pois, crer que Deus o ama e se ele decidir-se a amar os irmãos, então não importa em que mundo vive. O homem, em

qualquer mundo, mesmo o mais secularizado, sempre tem na raiz de seu ser a disposição e a aspiração indeléveis de crer no amor de Deus e na missão que recebeu de Deus, isto é, de amar o próximo.

Para crer assim, o homem nada precisa senão ser homem, qualquer que seja a sua situação. Se é homem, tem disposição e capacidade de amar. E se, ouvindo a boa nova e recebendo o testemunho de amor, abrir-se à fé e decidir-se a amar o próximo, ele não fará nada que não seja natural, razoável, útil, conveniente, humano no sentido mais pleno da palavra. Pois tudo que é verdadeira e positivamente humano, ao mesmo tempo é sobrenatural, feito por Deus em Jesus Cristo. Deus o eleva, interiormente, à participação da sua vida em Cristo, dando dimensão divina aos atos do homem feitos na fé.

O único verdadeiro problema para a fé encontra-se nos homens que não podem crer no amor de Deus, porque sofreram e sofrem demais. O Deus que os faz sofrer tanto não pode ser, para eles, um Deus de amor, que os ama e quer vê-los felizes. Estes homens estão em situação perigosa de desespero e só pode salvá-los um testemunho comvente e convincente de amor fraterno que lhes possa ser, aos poucos, um sinal do amor de Deus. Eles têm necessidade do testemunho de um amor bondoso, desinteressado, paciente, compreensivo; amor sincero de pessoa e pessoa que só procure o bem deles. Aos raios de sol de tal amor, o coração humano, ain-

da o mais ferido e revoltado, a longo andar não pode resistir: abre-se ao amor e começa a crer no amor. São casos tristes, comoventes, causados pela desatenção e malícia dos homens ou por sua imperícia e descuido, e curáveis só por um grande amor humano, desinteressado, paciente e bondoso.

Não há, pois, dúvida de que **A FÉ NO AMOR DE DEUS É A GRANDE, A ÚNICA FÔRÇA** que dá sentido pleno à vida humana e que é a grande promotora da felicidade, do progresso, da união e da paz. Importa, portanto, suscitá-la e nutri-la e fazê-la crescer na humanidade, de modo que se transmita de geração em geração em círculos cada vez mais largos, até envolver a humanidade inteira.

4. O caminho dêste crescimento já o seguimos em todo o desenvolvimento de nossa reflexão: começa com o testemunho de amor de homem para homem, no seio da família, alargando-se, depois, em todos os contatos sociais. Neste testemunho há o germe do anúncio da Boa Nova: no amor dos homens e além do amor dos homens somos amados por Deus que, em resposta ao seu amor e para felicidade nossa e de muitos outros, nos estimula ao amor dos nossos irmãos e para tanto nos envia o Espírito Santo, num ímpeto de amor, que procura vencer em nós os obstáculos do comodismo, da avareza, da auto-afirmação e do orgulho, levando-nos à doação sincera aos irmãos e, nêles a Deus.

Desde a glorificação de Jesus

Cristo e a missão do Espírito Santo, o movimento de levar os homens à doação dos irmãos está tocando poderosamente os corações, pois é movimento sustentado pela Pessoa divina do Espírito Criador. Mesmo para aquêles que não conhecem a Deus e nada sabem do seu amor, vale a mesma lei: a felicidade humana se alcança na doação aos irmãos. A decisão da consciência dessas pessoas é um ato de fé, não em Deus mas no homem, feito à imagem de Deus; é um ato de amor ao homem e, como tal, é, de fato, a execução da vontade de Deus, e, portanto, união com Deus, embora inconsciente. Pela bondade infinita de Deus, que se manifestou pela redenção, operada por e em Jesus Cristo, e pelo trabalho misterioso do Espírito Santo nos corações de todos os homens, êste homem de boa vontade, que faz a vontade de Deus sem lhe conhecer a presença, neste mesmo ato de serviço aos irmãos alcança a salvação sobrenatural. As declarações do Concílio são claras na afirmação do fato, embora sejam cautelosas na indicação da maneira como se efetua interiormente a salvação de um homem sem fé explícita em Deus (LG 16; GS 22).

5. Quem, porém, souber da Boa Nova do amor de Deus para conosco e conhecer e compreender a Jesus Cristo, autor e consumidor da fé, é convidado a unir-se a Cristo e à sua missão de modo mais íntimo, misterioso, fazendo-se membro da Igreja, Corpo Místico de

Christo, sinal levantado entre as nações para anunciar a todos os homens a Boa Nova do amor de Deus. Pois, a Igreja é a comunidade dos homens, que, em Cristo, aceitaram viver conscientemente a fé e anunciá-la aos outros pelo testemunho do seu amor. O GESTO DE ACEITAÇÃO DESTA FÉ É O BATISMO, completado pela confirmação. Estes dois sacramentos, gestos definitivos e únicos na vida de um homem, são dom e compromisso: dom de Cristo que, pelo caráter sacramental, insere o homem em seu corpo humano-divino, infundindo-lhe os hábitos da fé, esperança e caridade, compromisso do homem, que, em Cristo, aceita viver a sua vida humana como filho, na fé no amor de Deus e no testemunho de amor aos irmãos.

Quem receber o dom e assumir o compromisso do batismo, tem dentro de si a vida divina para vivê-la em plenitude. É só conservar-se aberto ao impulso do Espírito Santo e às exigências do verdadeiro bem do próximo. Pois, este verdadeiro bem sempre inclui a fé e sempre estimula ao amor. O amor, porém, praticado com sinceridade, realiza nossa união a Deus. E o Espírito de Deus faz perceber ao nosso espírito que somos filhos e nos faz rezar: "Aba, Pai" (Rom 8, 16). E se não sabemos orar como convém, "o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rom 8, 26).

Utopia? Pela insistência do Concílio de que devemos dar atenção aos sinais dos tempos, estamos descobrindo que a pró-

pria situação humana, tomada a sério em toda a sua realidade, pela precariedade e insuficiência dos seus recursos para alcançar seu pleno desenvolvimento, é o fator mais estimulador da nossa fé. Sem o recurso a Deus, nem o próximo sabe orientar-se na sua vida nem nós podemos sustentar nossa doação aos irmãos. A própria vida, orientada seriamente para o serviço dos irmãos, traz consigo a EXIGÊNCIA DA ORAÇÃO, na qual possamos avivar nossa fé e haurir força e auxílio para o nosso amor. Do serviço orientado para o bem dos irmãos, surgirá em nossa vida a experiência da necessidade da oração e também da sua justa medida.

O bom serviço dos irmãos levará também, por exigência própria, A REVISÃO DESSE SERVIÇO, seja em particular, seja num pequeno grupo de amigos, que, ou trabalham no mesmo serviço ou se reúnem para se ajudar segundo o ramo das atividades de cada um. A célula natural para esta ajuda entre casados é a família ou um grupo de famílias, para os religiosos e sacerdotes, o grupo de coirmãos. Assim, a revisão de vida é, naturalmente, estímulo efficacíssimo da fé e do amor para cada um dos membros do grupo.

Tanto a reflexão pessoal como a de grupo devem orientar-se segundo o modelo do Autor e Consumador da fé, Jesus Cristo. A MEDITAÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA constituiu, portanto, uma inspiração inesgotável e uma orientação infalível para uma autêntica

vida de fé. Assim como se lê o jornal e como se delibera em comum sobre os rumos a dar a qualquer atividade humana, assim se deve meditar a Sagrada Escritura, especialmente os Evangelhos, para renovar a visão da fé, iluminando sempre de novo a nossa atividade. Em mil gestos e palavras contemplamos ali o amor de Deus revelando-se aos homens e a felicidade dos homens, que ao amor de Deus respondem pela doação aos irmãos. A vida do Filho de Deus, seu amor ao Pai e sua doação a nós, são a suprema revelação do sentido da nossa vida e, portanto, fonte perene de renovação para a nossa fé.

Para o mesmo fim de renovação da nossa fé, Cristo instituiu a EUCARISTIA. Celebrando a Eucaristia elevamos a nossa mente à celebração e à contemplação da vida, morte e ressurreição de Cristo, revelação suprema do amor de Deus para conosco e exemplo inigualável de resposta da parte do homem. Eucaristia não é só oração, que diz antes de tudo ação humana, mas é ainda sacramento, ação de Deus, que eleva a ação humana à eficácia indispensável para a vida divina. Na celebração da missa teremos o aumento seguro da nossa fé e da nossa disposição para o serviço dos irmãos.

Enquanto a oração pessoal se pode fazer em qualquer lugar e em qualquer momento, a oração eucarística por sua natureza é celebração comunitária: é aumento de fé alcançado não no segredo do coração, mas no SEIO DA COMUNIDADE

FRATERNAL REUNIDA EM REDOR DE CRISTO. O testemunho do amor de Deus e o anúncio da Boa Nova têm origem em Jesus Cristo, são recebidos e vividos na comunidade cristã e a partir dela se expandem no mundo. Viver e anunciar a fé será sempre tarefa e obra pessoal, da responsabilidade de cada um. Mas o impulso decisivo e renovado lhe vem da comunidade cristã, reunida em redor da Eucaristia.

QUE COISA É, ENTÃO, A IGREJA, NUM MUNDO SECULARIZADO? A Igreja visível dos sacramentos é a portadora e anunciadora do destino do mundo, incumbida de levá-lo à plena realização para a qual foi destinado desde o início. A Igreja anuncia ao mundo esta realização dêle mesmo: os homens se realizam em Cristo, vivendo sua vida humana na doação aos irmãos. Os cristãos, pela vida dos sacramentos, não têm outro compromisso que viverem como homens, na fé, e anunciarem aos outros esta mesma fé.

Então, Igreja e mundo são a mesma coisa? São e não são. São a mesma coisa no sentido de que tudo que há de bom no mundo é realizado na Igreja e apoiado pela Igreja. A Igreja é a grande promotora da plena realização do mundo. E se tomamos Igreja na sua amplitude invisível, não há realização do mundo fora dela: fora dela só há ruína e infelicidade. — Igreja e mundo não são a mesma coisa, se se considera a Igreja visível dos batizados. Nos batizados, no seu ser homens, há algo que lhes vem de

Cristo, uma marca interior indestrutível, o caráter sacramental, pelo qual são unidos a Cristo e postos em relação à sua união hipostática; um sinal que os faz pertencer ao Filho de Deus feito homem, uma conquista pessoal sua em ordem à continuação da sua missão pessoal: um viver a vida humana no amor de filho, em testemunho do amor do Pai, para anunciar o dom da vida divina que é oferecida a todos os homens, e para fazer da sua vida um sacrifício redentor em favor dos homens todos.

III. PASTORAL DA FÉ NUM MUNDO SECULARIZADO

1. O problema que agora se põe é indagar sobre as condições nas quais um homem, no mundo secularizado, pode viver sua vida de fé, pode sustentá-la e comunicá-la aos outros.

Da reflexão anterior resulta que fé é uma atitude profundamente arraigada na vida do homem: o homem deve crer no sentido da vida humana, deve crer no valor realizador da doação aos irmãos, e portanto, deve crer no progresso solidário da humanidade. A fé cristã se enxerta nesta fé natural, aprofundando-a, completando-a, aperfeiçoando-a, dando à vida da pessoa individual e da humanidade toda uma dimensão imensa, sobrenatural e divina.

Condição, pois, para a fé cristã se constituir sólida e firmemente, é que ela se coloque dentro de uma vida humana bem orientada, reforçando-lhe

antes de tudo esta boa orientação. O dom da vida cristã deve, portanto, ser apresentado como puro dom e pura oferta da bondade de Deus, "o qual tanto amou o mundo que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Única razão do dom de Deus é o seu amor gratuito que nada exige e tudo dá: nada exige do homem senão que seja homem, honesta e sinceramente, e que aceite o dom da vida divina, crendo no amor de Deus e dêle dando testemunho pela sua doação aos irmãos. Realizando isto, Deus dá ao homem tudo e dá-se a si mesmo.

Para se despertar a fé cristã no coração do homem, é preciso anunciá-la na maneira acima descrita. Este anúncio é feito por pessoas pertencentes a um grupo que vive a fé: a Igreja. Este mesmo grupo dá apoio e ajuda àqueles que receberam a fé, sustentando-a pelo colóquio fraterno, pela revisão de vida, pela celebração da Eucaristia. Apoio fraterno para a fé quer dizer apoio para o empenho na doação aos irmãos, na consciência da presença de Deus vivo dentro de nossa vida.

2. Em que medida o cristão, homem de fé, deve receber a ajuda do grupo, para sustentar-se na fé, e nela crescer? Para responder devidamente a esta pergunta devemos indagar em duas direções: Onde, na vida de cada pessoa, se colocam os estímulos para a fé? Donde lhe vêm as dificuldades para a fé se sustentar e crescer?

O ESTÍMULO PARA O SUSTENTO DA FÉ vem do amor que Deus infunde em nosso coração, impelindo-nos à doação aos nossos irmãos. Se nós estivermos firmemente dedicados ao serviço do verdadeiro bem do próximo, dêste mesmo empenho de doação surgirão os estímulos concretos da nossa fé: os fracassos menores ou maiores no trabalho de promoção humana, a indiferença e indolência de muitos, a malícia e perfídia de outros, os revezes, dificuldades e resistências do próprio progresso humano, a impotência e fragilidade do esforço pessoal, o declínio das forças e a perspectiva da morte — tudo isso são estímulos potentes e continuos para o homem renovar sua fé, na oração, no colóquio, na reflexão, na revisão de vida, na Eucaristia...

Estes estímulos, para poderem agir em sentido positivo, supõem no cristão, firmemente enraizada, a convicção e orientação para o serviço do verdadeiro bem do próximo. Existindo esta convicção, o próprio cristão terá a consciência vivamente atenta a cada desvio da doação aos irmãos. Então, após cada desvio, êle, na sinceridade da sua intenção, tornará a se corrigir, renovando-se, na fé, pelos meios à sua disposição: oração, meditação da Escritura, colóquio de revisão, Eucaristia... Ensinado pela experiência pessoal, introduzirá talvez no seu programa de vida momentos certos de reflexão e oração, a fim de manter viva a sua fé e garantir-lhe um crescimento contínuo.

A DIFICULDADE PARA A VIDA DA FÉ vem da invisibilidade do seu dom — o amor de Deus que nos é oferecido para nêle participarmos, — e da visibilidade por demais solicitante dos bens imediatos da vida, para os quais se inclinam nossas paixões e nossos sentidos. Êles são apoiados, em nosso interior, pelo desejo de auto-afirmação imediata, impaciente, que não quer esperar longamente a própria realização, nem quer recebê-la como dom de Deus, mas procurá-la de imediato pelo próprio esforço e fadiga. Para conhecer o engano que está em tôdas estas atitudes, e corrigi-las devidamente não há outro meio senão a experiência da vida, acompanhada pela reflexão. A doação aos irmãos, mal feita ou recusada, não nos torna felizes. A vida sem fé não tem sentido. O homem se dispõe a vencer e superar estas dificuldades contra a fé pela reflexão que acompanha a vida e pela experiência de doação sincera, na qual êle foi introduzido desde os primeiros anos de sua vida.

O problema do sustento da vida de fé se reduz, então, à transmissão autêntica da Boa Nova, pelo anúncio e pelo testemunho de amor: à formação autêntica à doação aos irmãos como tarefa dada por Deus e executada no espírito de filho; ao apoio dado à doação na fé pela comunidade fraterna da Igreja, sobretudo por meio de seus grupos eucarísticos.

A vida de fé, de que até agora falamos, é a vida dos cristãos que têm como profissão a construção da cidade terrestre.

Entregando-se a esta tarefa de serviço dos irmãos, executada no amor de filhos diante do Pai, de quem receberam esta mesma tarefa vital, os cristãos, construindo a cidade terrestre, constroem ao mesmo tempo a cidade celeste, da qual são cidadãos para sempre.

CONCLUINDO: Achamos que a vida de fé num mundo secularizado consiste para o cristão em assumir e executar, pela fé, sua tarefa humana como tarefa dada pelo Pai, sustentada pela ajuda do Espírito e recompensada definitivamente no encontro com Deus na eternidade.

Esta fé deve ser ensinada ao mesmo tempo em que o homem é ensinado a assumir sua tarefa humana. Esta, é a deve executar no amor de filho. Da própria doação aos irmãos (tarefa humana de plena realização) vêm ao homem os estímulos de renovação e crescimento na fé, pelo recurso à oração, reflexão, revisão de vida, Eucaristia. Como os homens mutuamente se estimulam e sustentam na doação aos seus irmãos, assim também se sustentam no espírito de fé, sem o qual esta doação não pode ser realizada plenamente.

Assim aparece, com toda a clareza, que o ponto mais importante de toda a formação cristã é a formação para a doação sincera aos irmãos, na construção do mundo. Inserindo-se a fé nessa atitude de doação, ela, por graça da presença do Espírito Santo e da ajuda dos irmãos, não mais a deixará, mas com ela irá crescendo até à plenitude em Cristo (cf. Ef 4, 13-16).

BIBLIOGRAFIA:

Hollenbach, Michael S. J.

Der Mensch als Entwurf.
Seinsgemässe Erziehung in
technisierter Welt.

Knecht-Verlag, Frankfurt/M,
1957.

Tepe, Valfredo OFM

O sentido da vida.

Mensageiro da Fé, Bahia 1958.

Rahner, Karl S. J.

Est-il possible aujourd' hui de
Croire?

Mame, Tours 1966.

Moeller, Charles

A angústia do homem moderno.
Rio, Vozes 1968.